

→ papel cartão

ACERVO ANTONIO
Vol. 11 Nº Pág. 01
Visto

Perto da casa onde moro
Tem um lago azul de águas
Sacudindo seu leito só
quando bate o vento...

Aí vou pra janela espiar
As ondas se movendo indo
e vindo
Sacudida pelo vento
Marinheiro feliz oculto na
paisagem...

Vareando a superfície
Do meu pequeno lago
Pedacinho do mar
Que perdi há muito tempo.
Se vem feroz o vento
Molhando as margens e as paredes
meu lar...
Porém se ^{vem} tranquilo o vento
Só penteia as longas cabeleiras
Desse lindo e pequenino lago

Ma era das invenções
só não se inventou a máquina
de versos; → já havia o poeta
parnasiano! (segundo Oswald de
Andrade.)

→ para a elaboração de
um poema o poeta pode lançar
mão de alguns recursos como
a sonoridade, o ritmo, a rima,
a métrica, as imagens. É possí-
-vel também que o poeta queira
também trabalhar também
com efeitos visuais.

ACERVO ANTONIO SODRÉ	
Vol. <u>111</u>	Nº. Pág. <u>20</u>
Visto	

A - Flôris Morizette singing

She is a lyric angel...

An angel with ~~hair~~
Black-hair! Beautiful!

Wonderfull! Beautiful!

Rir nas II comédias
Chorar nas tragédias
Em meio a dor e a alegria
Mas farsas imaginadas...
Da mesma forma
A vida é uma longa
peça

E o mundo um grande
palco

E assim de ato em ato

Em riso ou choro ~~de~~ desata

Nesse devaneio louco.

I

Como um cachorro
Que se desconhece...
Nos vemos diante de um
espelho
Batendo contra nossa própria
imagem
Por sentir que a mesma é
Um ~~ser~~ outro ~~per~~ semelhante
~~o~~ ~~nos~~ ~~o~~
a nós, semelhante...

II

Essa cena está sempre a
acontecer, inversamente
Quando projetamos nos
outros
aquilo que não somos.

ACERVO ANTONIO SODRÉ

Vol. 11 Nº. Pág. 25

Vista

I

Como um cachorro que se
desconhece nos vemos diante de
um espelho latindo contra
nossa própria imagem por
sentir que a mesma é
um outro ser semelhante
a nós...

~~Por inversão~~ Por comparação

Essa cena está sempre a
acontecer quando projetamos
nos outros aquilo que não
somos.



Como um cachorro
que se desconhece
Ao ver sua imagem
no latir para sua própria
imagem ao olhar. olhar no
mesmo no espelho

ACERVO ANTONIO SODRÉ

Vol. 11 Nº. Pág. 26

Visto

DATAPEL

DATAPEL

"Pseudo ego"

Como ^{um} cachorro que se desconhece ^{as vezes} nos vemos diante de um espelho, latindo contra nossa própria imagem; por sentir que a mesma é um outro ser, semelhante a nós... ^{inversamente}

Por comparação, ^{inversamente} esta sempre a acontecer quando projetamos nos outros aquilo que não somos.

Pseudo-Ego

Tal qual ~~como~~ um cachorro que se desconhece ao latir contra a própria imagem diante do espelho, por sentir que a mesma é um outro ser semelhante a ele, nós sempre estamos a projetar nos outros aquilo que não somos.

e

O vento que bate
levemente em forma de
brisa...

Abrisa que nem tudo
é tempestade...

Que há também os
momentos de levitação
de leve estação...

Na carícia de
um vento

Que assanha ~~o~~

as Bonapeiras e que
as faz baterem palma...

O vento que bate levemente
em forma de brisa

Abrisa que nem todo o vento
é tempestade

Pois há também os momentos
de levitação, de leve estação

Que na carícia

Assanha ~~o~~ ^o mais suave

A É! Último dia
do Ano
Ta indo embora
o ano 07...

Podemos perguntar: "E como
foi?"

A Olhando pro RETROVISOR,
PASSOU como um PASSARO
VELOZ!

Mesmo veloz, como parecebe-
mos de amilde... a mim
deixou marcas profundas...

A Depois das tempestade,
vem a brisa leve

Quantidade de lirismo!
gada de lirismo!

A Poesia e filosofia
metaforicamente justificam-
do os fatos.

Tem cheiro de pegu no

— Ah! É! Sain pela
Tangente, né!

Um vento que bate
levemente em forma de brisa
fria que nem todo o vento
é tempestade...

Há também os momentos
de leve estação...

Que na carícia mais
suave
Assoma a cabeleira das
árvores
Forçando-as baterem
palmas...

O calendário no fim
De mais um ano que ~~o~~ passa
Que passou, se dissipando
Como se fosse fumaça --

É sempre um belo motivo
Pra alegria buscar
No jardim das flores
Aquel tempo do tempo
Infinito

Que recomeça,
Pois não tem nada
Que o impeça de
passar, de repassar
Na nossa imaginação!

ACERVO ANTONIO SODRÉ	
Vol. <u>11</u>	Nº. Pág. <u>32</u>

Rico de idéias,
pobre de dinheiro...

Pobres homem rico; ou
rico homem pobre?!

"Pseudo Ego"

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 11 Nº. Pág. 35
1916

Sei que a inconstância
Me conduz pelo caminho.
Os pensamentos voam altos
Enquanto me arraste
Pelo asfalto afóra.
Sem hora prá chegar
No meu porto rotineiro
Sou livreiro
E por mais que queira
Não me livro dos meus
Carnas
Que estão inscritos no
livro
Do meu destino de
menino
Que perdeu sua caixa
de brinquedos...

ACERVO ANTONIO SODRÉ

Vol. 17 Nº. Pág. 36

Visto

DATAPEL

"Shakespeareana no O1"

I

Rir nas comédias
Chorar nas tragédias
Em meio a doce e a
alegria
Nas farsas imaginadas...

II

Da mesma forma
Que a vida é uma longa
peça
E o mundo, um grande
cenário...

III

Assim de ato em ato
Em riso ou choro
E que me desate...
Em meio a esse devaneio
Me partindo ao meio...

Castelo de Areia

I

No meu castelo de
areia

Eu te corcei rainha
Oh, que tempo tão gostoso,
Quanta imaginação que eu
tinha!...

II

Os meses foram passando
Jornadas se repetindo
Você partiu pra bem longe
Eu fui me desiludindo

III

Hoje, em sonho quando a
te dou
Te dou um beijo na testa
E o nosso castelo em festa
Fica cheio de alegria...

IV

Mas quando acordo me dou conta
Da ~~me~~ dura realidade
O castelo se desfaz
Trazendo louca saudade...

I
II
III
Eu quero ter você a meu lado...

IV
A coisa que mais quero
é ter você sempre a meu lado.
Mas como isto é impossível
tenho em você o dia inteiro.

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 11 Nº. Pág. 39
Vista

JESATAG
DATAPEL

DATAPEL

"Festim Macabro"

Atenção! Eles estão voltando
a invadir nossos ^{sangue} ~~quartos~~ ^{quartos} ~~sangue~~.
Sugando nosso sangue.
Com suas asas, dardejando
Lombando música infernal
Cantando assim, bem de fininho
Bem junto aos nossos ouvidos:
— Quero sangue! Quero sangue!

E assim, eles se embriagam
Transformando nossas noites
em pesadelos
Com uma serenata, macabra
Que nunca se acaba:
— Quero sangue! Quero sangue!
Eles cantam, enquanto nosso
humano coração
Bombeia sangue, como se
seruisse um doce pressas
pequenas pragas.
A infernizar nossos sonhos.

Um carro que se afasta
Deslizando pela rua afora

Está sufocante o calor
Nessa manhã de outubro
Com o suor saindo
Pelos meus poros

Breve chegarão as chuvas
A encher de água o poema
Acolhendo em seu regaço
Lágrimas torrenciais caindo
do Céu...

ACERVO ANTONIO SODRÉ

Vol. 11 / N.º Pág. 47

Visto

I

Tem música lá embaixo:
Um sax acabou de chorar...

Tambores ribombando dão ritmo
ao samba,
Com vozes entremeadas enchendo
Num burburinho nervoso.

II

É certo que os meus ouvidos
atentos ao que se passa
Bebem o som que vem lá de
debaixo...

III

Os tambores voltam a ribombar
de novo
Chamando o sax pra brincar.

ACERVO ANTONIO SODRÉ

Vol. 11

Nº. Pág. 44

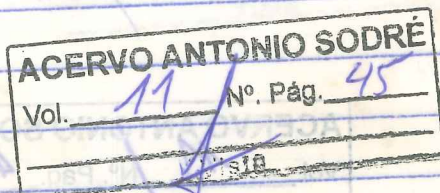
Visto

DATAPEL

DATAPEL

Sem pai nem mãe
O poeta é pai do poema.
Pode poema! Filho sem mãe,
só tem pai..

(A não ser que o poeta
se junte a uma poeta
E num só tema
Façam brotar um poema!)



Virso de pi quebrada
(no Piuim dos Céus)

Queri uma vez dizer
Que o mundo tava acabando
E no mesmo instante houve
Um grande estrondo,
Algo estava desabando!

Na maior tranquilidade
Eu tentei me proteger
Por um milagre dos deuses
Fui salvo dessa hecatombe
Peguei carona num pássaro
Que veio pra me levar...

ACERVO ANTONIO SODRÉ	
Vol. <u>11</u>	Nº. Pág. <u>46</u>
Vista	

A Mente Capta

A mente capta tudo
o que lhe vem na telha...
Na tela própria
Que é dela...

Cadê ela?!
Cadê ela?!

Minha mente capta
Os versos que estou apto a
fazer...

Mentecapto... poeta mentecapto
apto poeta mentecapto
apto poeta mentecapto

Mente captando... mente captando
Tudo bem aí em Marte?!
Poeta é de morte! Sempre
aprontando em Marte,
Ao norte da arte!

Poema pra Praça
da República
I

Essa praça
Que me abraça
Essa praça cheia de ~~grace~~ ^{ave}
Essa praça
Cheia de graça...

II

Cheia de palmeiras
Tão esbeltas...
Praça da República
Da República dos poetas!!!

ACERVO ANTONIO SODRÉ

Vol. 11

Nº. Pág. 48

Visto

DATAPEL

DATAPEL

"Poeta de Bicicleta"
(para Neneto)

O poeta de bicicleta
Girando o pedal do verso
Diz poesia em plena praça...

Pedala... pedala... poeta...

Gira... gira... poeta

Como a Terra

Feito uma grande bola, oca

Transportando eu, voce, nós,

O poeta pedalandando

pedalandando

Pedala... poeta... pedala

Gira... gira... poeta

Gira, que o verso é rede-

de moinho...

Rodando feito peão

Na mão,

no pé

do poeta...
Pedala, pedala, poeta,

DATAPEL



Gira... gira... poeta...

Poeta
de
"Bicicleta"

ACERVO ANTONIO SODRÉ
Vol. 17 Nº. Pág. 50
Visto

DATAPEL